

Violência ²⁰⁺ cerca escola de Ceilândia com muro de 4m

Simone Salles

BRASÍLIA — Entre o ideal de escola e a realidade da cidade-satélite da Ceilândia ergueram-se, há sete meses, muros de quatro metros de altura, encimados por grossos arames farpados e lacrados por portões de ferro e cadeados. Fora, ficou o cotidiano miserável de 500 mil pessoas, o maior índice de criminalidade e a menor renda familiar de Brasília: menos de um salário mínimo. Dentro, foi sepultado o sonho da escola aberta à comunidade: morto pelos inumeráveis casos de estupro, roubos e assaltos.

As muralhas foram erguidas, definitivamente, na noite de 16 de março deste ano. Impedidos de entrar por não terem uniformes, centenas de alunos do curso supletivo do Centro de Ensino Professora Maria do Rosário invadiram o prédio. Apedrejaram vidros, destruíram carteiras e cadeiras, demoliram banheiros, derrubaram portas, agrediram professores. Como saldo da revolta, um aluno baleado, dezenas de feridos, a carcaça de uma escola, e uma viatura da polícia completamente danificada.

— Eles descarregam no prédio escolar toda a sua revolta contra a sociedade e o governo, que não lhes dá casa, comida, condições dignas de moradia. A escola é a única face do governo que eles conhecem — disparou o diretor do Centro de Ensino Professora Maria do Rosário, João Batista Gonçalves.

O próprio nome da escola conta outra história trágica de violência. A professora Maria do Rosário foi assassinada na noite de 7 de outubro de 1985, quando saía desacompanhada do colégio em direção ao ponto de ônibus, distante poucos metros do prédio escolar. De ladrões que queriam o *walkman* dela — e

o roubaram — a professora levou um tiro na testa.

Não há estatísticas. As secretarias de Educação e de Segurança não sabem precisar o número de crimes praticados dentro das escolas, mas acumulam-se nas páginas de jornal os casos de estupro, depredações, assassinatos e espancamentos nelas ocorrido, ou na saída das aulas. Sabe-se, no entanto, que Ceilândia — espécie de Duque de Caxias brasileiro, situada a menos de 40 quilômetros do Palácio do Planalto — é recordista em violência. E em miséria, fome e desemprego. Segundo dados da Administração Regional, 10 mil crianças em idade escolar estão sem matrículas, mais de 10 mil adultos estão desempregados, outros tantos sobrevivem à custa de subempregos. A média salarial não ultrapassa CZ\$ 1.600.

— Muitos vêm à escola porque é o único lugar que conhecem em que ainda se oferece um mínimo de segurança e afeto. São meninos que sobrevivem como engraxates, lavadores de carro, biscateiros. Como manter esse aluno atento, tranqüilo, falando de Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral? A realidade que eles conhecem é a da briga para garantir a sobrevivência — questiona José Augusto Pereira de Holanda, 28 anos, seis como diretor da Escola Classe nº 7 de Ceilândia, administrando a revolta social de 1.300 alunos carentes, com idades entre 7 e 18 anos.

O desafio de continuar vivo, enquanto exerce seu trabalho, José Augusto conhece bem. Já teve um revólver calibre 38 encostado à cabeça pelo irmão de uma aluna, quando tentou impedir o assassinato de um outro aluno, dentro de uma sala de aula, na presença dos 80 jovens de turma.

— A idéia de começar o curso regular noturno frustrou-se em menos de uma semana de aula — lamentou o diretor.

José Augusto persevera, apesar das ameaças de morte a ele e aos professores.

— Somos o único referencial de segurança. Mesmo aqueles que já entraram na marginalidade continuam visitando a escola. O difícil e arriscado é manter a tênue linha que separa a figura da autoridade e a pessoa do diretor — afirmou.

A poucos quilômetros de José Augusto Holanda está Seiji Nakamura, dirigindo o Centro de Ensino 16. Evangélico, o diretor, prefere cultivar buganvílias, em volta da muralha de três metros, e atribuir a violência à "falta de amor a Deus".

— Eu sei que é um paradoxo ter este muro isolando a escola. Mas foi a forma que encontrei para manter vivos os alunos e professores — explica. Na manhã do dia 10 de setembro de 1986, a estudante Elaine de Oliveira Silva, de 15 anos, foi morta por uma bala perdida, disparada por R.L.C, também de 15 anos, quando entrava no Centro de Ensino 2 de Ceilândia.

Seiji Nakamura havia transferido R.L.C. para outra escola, atendendo ao pedido de um pai de aluno.

— O menino já tinha ameaçado um aluno nosso, por causa de uma briga. Quando os dois se encontraram na porta da escola, o pai do outro garoto ameaçou R, ele sacou o revólver e disparou. A bala acertou Elaine — contou a professora Antônia Moreira da Silva Neto, 27 anos, há seis lecionando Geografia no Centro de Ensino 16. Mesmo temerosa, Antônia não pensa em deixar Ceilândia.

— Somos importantes aqui. Somos tudo o que eles têm, não dá para largar o trabalho no meio e sair correndo — explicou Antônia Moreira, mesmo depois de ter presenciado um assalto na sala de aula.